

## **DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO - AS CONSEQUÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTISMO PARA AS FAMÍLIAS DE NOVA MUTUM PARANÁ**

**Tadisson Silva de SOUZA<sup>1</sup>; Alyson Marcos dos Santos SOUZA<sup>1</sup>**

1. Centro Universitário São Lucas

O progresso é inevitável, mas certamente não é indolor. Historicamente, a maioria dos governos desenvolvimentistas abrem um olho para o progresso e fecham um olho para os impactos causados, principalmente em obras faraônicas onde inexoravelmente se impera os interesses pelo capital. E em Mutum Paraná não foi diferente. A Construção da UHE Jirau foi o epicentro de substanciais conflitos entre os moradores e os trabalhadores da usina devido a comunidade estar localizada na área que foi alagada para fazer o reservatório. Em consequência disso, essa nova comunidade foi indenizada ou realocada no recém construído território de Nova Mutum, onde experimentam outra cedução dramaticamente diferente do que já eram habituados, visto que ribeirinhos com casa simples agora são postos em habitações de alto valor agregado. O presente trabalho tem como objetivo apurar as causas da desterritorialização, analisar o processo e os possíveis impactos, ganhos e perdas da reterritorialização da comunidade ribeirinha. O presente estudo consiste em uma pesquisa ex-post-facto, desenvolvida em abordagem mista, optando-se neste projeto pela análise de caráter qualitativo e quantitativo, para tanto se fez necessária a utilização de metadados e demais ferramentas de pesquisa (livros e internet). A coleta de dados foi precedida mediante pesquisas documentais e audiovisuais, observações in-loco (feitas 3 vezes no período 2017/2018) e registros detalhados em diário de campo visando conferir maiores elucidações e riqueza de detalhes. As análises feitas tiveram por lastro a análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A narrativa desenvolvimentista-governamental de "energia sustentável" e da "prevenção de apagões" ofuscam o real impacto que foi para essa comunidade. A perda de sua identidade territorial, originado por uma experiência e conflituosa e dramática, que ao perderem o lugar onde estavam imersos as pessoas e seus ascendentes. Um processo irreversível não só visto na especificidade de Nova Mutum como também nas grandes expansões das metrópoles mundiais, cada vez mais parecidas por seguirem um padronismo urbano abordado por Milton Santos e Amartya Sen, portanto, a nova estrutura urbanística não favoreceu a integração social, promovendo atomismo e destruição de vínculos de solidariedade. Apesar das compensações da UHE Jirau, o impacto mais significativo para a comunidade foi a perda de suas principais fontes de renda: a pesca e o comércio de produtos amazônicos, bem como os elementos culturais que agregavam a vida comunitária. O ponto mais crítico da reterritorialização refere-se à escassez de oportunidades de emprego e renda, o que tem feito com que muitos moradores abandonem as casas e se desloquem para municípios vizinhos ou voltem para as áreas alagadas. Nova Mutum não passa de uma distopia do progresso no meio da floresta amazônica. Forjada em concreto e aço, com avenidas vazias e casas fechadas. Nela o desenvolvimento não cumpriu suas promessas e sua população sobrevive em condições de marginalidade, enfrentando atualmente, desemprego, ausência de serviços públicos



básicos, infestação de pragas e zoonoses e expressiva melancolia. A reterritorialização empreendida pela concessionária da obra obteve êxito parcial. Notou-se a dramática ausência de topofilia em relação ao novo território, com os antigos moradores enfatizando o sentimento de saudade da velha Mutum e do modo de vida que ela proporcionava. Discursos de desenvolvimento socioeconômico foram empreendidos por empresas, políticos e pelo próprio Estado, mas não se materializaram em melhoria efetiva para aquela sociedade amazônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desterritorialização. Reterritorialização. Ribeirinhos.